



FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: CONCEPÇÕES E ENTENDIMENTOS DE PROFESSORES DE UM CURSO DE HOTELARIA

Marcelo Oliveira da Silva¹² - PUCRS

Maria Inês Corte Vitória³⁴ - PUCRS

Resumo:

O presente artigo busca analisar as concepções de formação continuada de oito professores que atuam em projetos interdisciplinares em um curso superior de tecnologia em Hotelaria na cidade de Porto Alegre, RS. De forma teórica, aborda-se algumas concepções de formação continuada de professores, de modo a entender seu aspecto formal e outras possibilidades não-formais. Como metodologia, utilizou-se a qualitativa, do tipo descritiva e a coleta de dados foi realizada por meio de entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados seguindo a técnica da análise de conteúdo. Como principal achado, percebe-se a concepção da formação continuada de professores em cursos formais, especialmente na pós-graduação, e em espaços não formais.

Palavras-chave: Formação Continuada. Conceito. Formal. Não-Formal. Hotelaria.

INTRODUÇÃO

O presente artigo visa identificar as percepções sobre o conceito de formação continuada de professores atuantes no curso de Hotelaria de uma instituição privada de ensino superior da cidade de Porto Alegre, RS. Os dados aqui analisados fazem parte de uma pesquisa maior, que ainda está em andamento. Foram entrevistados oito professores, que atuam no primeiro e terceiro semestres do curso estudado. A escolha dos professores justifica-se pela sua participação em projetos interdisciplinares.

Nesses projetos, a maior dificuldade foi conjugar visões e formações tão distintas. Por outro lado, a própria heterogeneidade do grupo facilitou a cooperação e a construção de objetivos comuns. Com as formações diferentes entre si, nem as disciplinas nem os professores competem, mas, segundo parece ser o entendimento dos entrevistados, complementam-se. O convívio entre os professores, desde 2007, tem oportunizado experiências ricas na docência, resolução de conflitos e unidade de entendimento do curso.

De modo teórico, buscamos identificar alguns conceitos sobre a formação continuada de professores para percebermos os conceitos trazidos pelos entrevistados. Os procedimentos

¹ Mestre em Educação

² moliveiras@gmail.com

³ Professora PPG em Educação

⁴ mvitoria@pucrs.br

metodológicos utilizados foram a pesquisa de caráter qualitativo e do tipo descritivo, com coleta de dados por meio de entrevista semiestruturada.

O principal resultado apresentado é que os professores têm o entendimento claro que há formação continuada de professores na sua modalidade formal, que engloba cursos de qualificação – extensão e pós-graduação –, quanto de modo não-formal, que se dá, dentre outras formas, pelo convívio com seus pares.

Formação Continuada de Professores

A formação continuada de professores é um tema já consagrado nos estudos da educação. Buscamos entender o conceito de formação continuada de professores nas suas dimensões formal e não-formal. No presente texto, optamos pela denominação “formação continuada de professores”, entretanto mantivemos as denominações utilizadas originalmente pelos autores.

Nesse sentido, a formação de professores é entendida como a prática do professor, que necessita de uma reflexão na ação, para depois ainda refletir sobre essa reflexão que fez na ação. Dessa forma, valoriza-se o “conhecimento prático do professor, colocando-o na condição de investigador da sua própria prática e a formação como sendo esse processo de investigação” (PRADA; VIEIRA; LONGAREZI, 2009, p. 4).

Marcelo García (1999, p. 26) vê quatro fases no “apreender a ensinar”. Aqui interessa especificamente a última fase da formação, a permanente, que “inclui todas as atividades planejadas pelas instituições, ou até pelos próprios professores, de modo a permitir o desenvolvimento profissional e aperfeiçoamento do seu ensino”. O entendimento mais comum e corrente é o trazido por Marcelo Garcia na citação anterior, ou seja, a formação continuada de professores constitui-se de ações deliberadas na busca pelo aperfeiçoamento do exercício da profissão. Os exemplos que vêm à mente são os da realização de cursos de pós-graduação em todos os níveis ou de extensão. Portanto, a formação continuada em seu entendimento clássico é a que ocorre de modo formal.

Ainda Marcelo García (1999, p. 193) define o seu entendimento sobre formação continuada da seguinte forma:

[...] [deve ser] entendido como um processo de aprendizagem mediante o qual **alguém** (professores, directores) deve aprender **algo** (conhecimentos, competências, disposições atitudes), num **contexto** concreto (escola, universidade, centro de formação) implica um projecto, desenvolvimento e avaliação curricular. O currículo, neste caso, refere-se à planificação, execução e avaliação de processos formativos, tendentes a melhorar a competência profissional dos professores [grifos do autor].

Portanto, a formação continuada em seu entendimento formal é um processo de ensino intencional inserido em um curso, que visa à melhoria da prática do professor em sala de aula. Nessa linha de raciocínio, o mesmo autor entende que a formação continuada deve ser planejada e avaliada, não somente improvisada.

Entretanto, podemos pensar que estamos sempre aprendendo algo novo, repensando nossos conhecimentos, pondo em cheque nossa prática de sala de aula. Nesse processo, parece haver uma via de mão dupla: em um lado aprendemos pelas nossas experiências de vida e esse aprendizado se reflete na prática docente; de outro, nosso aprendizado como docentes tem repercussão no nosso modo de ser.

Dessa forma, Furter (1974, p. 121) entende que “a educação é *permanente* porque o homem não acaba nunca de amadurecer, qualquer que seja a idade, o sexo e a situação

sociopolítica. Nunca será completamente formado” [grifo do autor]. Assim, pode-se entender a formação continuada de professores não só em seu sentido formal, mas também de uma forma mais ampla, na qual se inclui a sua participação na sociedade como verdadeiro cidadão, as suas experiências de vida e a sua bagagem cultural.

Nesse sentido, Pivetta (2009) acredita que a formação “parte do próprio sujeito, ou seja, este se forma por seus próprios meios, a partir de si mesmo”. A experiência só é encarada como formação continuada pelo próprio sujeito. Cada professor agrega a sua prática as experiências positivas e negativas que entender adequadas. Ainda para a autora, o professor seria capaz de “refletir sobre o que tem feito, como tem feito e, assim, buscar outras maneiras de ser e fazer”. Pivetta continua afirmando que é nesse contexto que se inserem “as relações intersubjetivas que [o professor] estabelece com colegas e alunos” (2009, p. 3).

Logo, poderíamos pensar que há a possibilidade do professor elaborar a sua formação continuada em espaços não-formais, em contraposição à formal realizada em cursos. Buscamos trazer alguns relatos de experiências encontrados na literatura, que possam servir de base para o entendimento da formação continuada nesses espaços.

Assim, Masetto (2003), ao abordar a formação pedagógica do docente do ensino superior, que relata a sua experiência de encontrar grupos de professores que por meio de leituras, grupos de estudo, troca de e-mails conseguiram estabelecer um espaço para a formação pedagógica. O autor indica que outra possibilidade é a busca de apoio em um colega para transformar ou implementar uma prática em sala de aula.

Na pesquisa de Pivetta (2009) sobre as reuniões pedagógicas como possibilidade de discussão e formação docente, encontramos como resultado a aprendizagem docente em três categorias: na relação professor-professor, na relação professor-aluno, e na própria prática pedagógica. Aqui focamos na relação de aprendizado professor-professor, que para a autora:

As atividades interdisciplinares e a disposição de um professor que possa não só transmitir os seus saberes, mas construir outros transitando pelos diversos conhecimentos, fazem com que ele adquira um novo perfil e procure novas redes de interações para construção da prática pedagógica (PIVETTA, 2009, p. 12).

Um grupo de professores com essas características pode pela interação refinar o conhecimento e produzir uma construção compartilhada do conhecimento. Entretanto, não é fácil atingir esse estágio de entrosamento em um grupo de professores. Ainda nos resultados encontrados por Pivetta (2009), pode-se perceber pela sua análise dos relatos dos professores sujeitos da pesquisa que há “a possibilidade de aprendizagem docente na relação que eles estabelecem com os demais colegas, seja no espaço de trabalho diário, na troca de informações de maneira informal, seja nos espaços mais formalizados” (p. 12). Ressalta, ainda, que os professores devem identificar realmente tais possibilidades de aprendizagem compartilhada.

Em outra pesquisa, Teixeira (2009, p. 36), ao coletar dados sobre um programa de educação continuada, destacou que:

Os aspectos principais da avaliação final do curso foram ‘a riqueza dos encontros com colegas de outras áreas’, ‘a possibilidade de refletirem juntos os problemas comuns entre os pares’, ‘a troca de experiências e o efeito positivo já sentido na organização e desenvolvimento das suas aulas’.

A fala dos professores demonstra a necessidade e importância não só de uma formação continuada formal, mas também da ampliação do convívio entre professores em que possa

haver a socialização de conhecimento, saberes, práticas e busca por novos caminhos. Nesse sentido, podemos entender que os professores necessitam romper a solidão acadêmica e uma das maneiras disso acontecer é pela criação de um espaço propício seja ele formal ou não-formal.

Engers e Gomes (2007), em um artigo sobre o conselho de classe como forma de educação continuada, reafirmam o espaço de encontro de professores como propício para o aprendizado:

Os Conselhos de Classe são momentos importantes para que os professores compreendam a si a partir de suas falas e também da fala de seus pares, encontrando pontos de encontro e desencontros, identificando-se como únicos e também pertencentes a uma categoria que compartilha alegrias e tristezas, facilidades e limitações... desejos, vontades, paixões, conquistas. (p. 524)

As autoras encontram nas falas dos professores participantes da pesquisa elementos para identificar estratégias de educação continuada nos conselhos de classe. As reuniões podem ser espaços para que o professor reconheça no outro os seus dilemas e encontre soluções, estratégias e, também, novos conhecimentos. Não devemos pensar naquelas reuniões meramente informativas, nas quais o coordenador repassa os informes do semestre, as principais deliberações e repreende condutas dos professores e alunos. O desagrado e entendimento de que é apenas perda de tempo aparece em muitas falas de professores em várias instituições.

Estamos sempre aprendendo coisas novas, entretanto nem sempre nos damos conta desse aprendizado. A nossa vivência pessoal mistura-se a nossa própria prática em sala de aula. Logo, uma viagem, um livro, um filme, uma conversa na sala dos professores, uma reportagem, enfim, o conjunto de nossas experiências constitui a nossa formação contínua. Será que sentimos o reflexo de nossas experiências na prática de sala de aula? Ainda, reconhecemos nossas experiências pessoais como parte da nossa formação como professores?

Cunha (2010) entende que os espaços mais comumente atribuídos à formação continuada se apresentam, de acordo com suas pesquisas, na sua modalidade formal. A autora ainda afirma que:

[...] é possível que os docentes e as IES reconheçam outros espaços de formação [...], mas sempre com menos incidência e legitimidade. Entre eles, o que mais se destaca é o *mundo do trabalho*, especialmente em algumas carreiras, nas quais o exercício profissional garante a consolidação de saberes [grifo da autora]. (2010, p. 51-52)

Assim para a pesquisadora, o professor estabelece relações entre teoria e sua prática. No caso da faculdade estudada, os professores têm experiência profissional relevante para a sua atuação docente, tendo em vista que o ensino tecnológico é mais voltado para a prática e para a preparação e qualificação para o mercado de trabalho. É interessante retomar um estado da arte realizado por André et al (1999) sobre as pesquisas e trabalhos publicados versando sobre formação de professores. Ao mapear a produção dos anos 1990, as autoras evidenciaram “o silêncio quase total em relação à formação do professor para o Ensino Superior” (p. 309). Podemos pensar que uma razão seria a conhecida ideia de que o professor de ensino superior elabora a sua formação ao realizar a sua graduação e pós-graduação e na própria prática em sala de aula.

Muitas instituições agem como se o docente do ensino superior não precisasse ter formação pedagógica, didática ou qualquer tipo de entendimento sobre a dinâmica da aula, em função da máxima: quem sabe, sabe ensinar. “A maioria dos professores universitários

tiveram a sua graduação no modelo de formação jesuítica ou técnica e desenvolveram, nos cursos de mestrado e doutorado, habilidades referentes ao método de pesquisa” (PIMENTA; ANASTASIOU, 2005, p. 198). Tal realidade mudou na primeira década dos anos 2000, pois percebemos a preocupação em se estudar os docentes que atuam no ensino superior, seus saberes, sua trajetória, conceitos e crenças – ao menos, nas pesquisas realizadas.

Podemos afirmar que, em relação à instituição estudada, os professores são contratados pela sua experiência no mercado, qualificação (currículo lattes e titulação) e por uma aula prática. Como em todas as formas de seleção não há garantia de escolha do melhor professor para o cargo. Entretanto, frente à dificuldade de encontrar professores com titulação e expertise de mercado, a metodologia utilizada tem dado bons resultados.

A seguir, detalhamos os procedimentos metodológicos para a construção deste artigo.

Caminhos Metodológicos

Estabelecemos como metodologia para o presente artigo a abordagem qualitativa, a pesquisa descritiva e também o instrumento de coleta de dados – a entrevista.

A pesquisa qualitativa, para Richardson (2007, p. 90), “pode ser caracterizada como a tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentados pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”. Nesse sentido, buscamos identificar os possíveis entendimentos trazidos pelos entrevistados sobre o conceito de formação continuada de professores.

Seguindo a caracterização teórica da pesquisa, o tipo de estudo é o descritivo. Os estudos descritivos, bastante comuns no campo da educação, têm por foco descrever de forma mais aprofundada as pessoas inseridas em uma realidade (TRIVIÑOS, 2008). O presente estudo está inserido no curso de tecnologia em Hotelaria de uma instituição privada de ensino superior da cidade de Porto Alegre. Restringe-se aos professores que atuam no primeiro e terceiro semestres do curso, pois é nos referidos semestres que se desenvolvem projetos interdisciplinares, que demandam reuniões periódicas entre os professores. As reuniões são entendidas aqui como um espaço propício para a convivência entre professores, já que não são impostas.

A coleta de dados deu-se por meio de entrevista semiestruturada, que no entendimento de Bauer e Gaskell (2002) é utilizada para mapear e compreender a realidade dos respondentes, pois fornece dados essenciais para o entendimento dos atores sociais – seu comportamento – em contextos específicos. A entrevista foi realizada de forma individual, gravada por meio eletrônico, com oito professores. Neste artigo será analisada apenas uma das perguntas realizada na entrevista: *O que tu entendes por formação continuada de professores?*

Com a entrevista gravada, a **análise de conteúdo** foi realizada nos moldes desenvolvidos por Bardin (2010), seguindo as três etapas cronológicas. A partir da segunda fase – exploração do material – foi possível a construção de quadros-síntese, o que permitiu a organização e análise das categorias. Para Bardin (2010, p. 127), o pesquisador, de posse de dados tratados, “significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objectivos previstos –, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas”.

A seguir, apresentamos a análise dos dados coletados.

Análise de Dados

A pergunta da entrevista versa sobre o conceito de formação continuada de professores, dessa forma criamos o Quadro 1, com a síntese das respostas.

Quadro 1 – Síntese das respostas da pergunta: *O que tu entendes por formação continuada?*

	Aspectos facilitadores	Representações
S1	Locais onde o conhecimento é assunto (sala de professores, da coordenação)	Reciclagem e busca por mais conhecimento; Necessidade; Troca
S2	Cursos (Doutorado, Pós-Doc, Extensão); troca de informação; estudar, escrever, produzir material; participar de projetos;	Buscar atualização; Investimento; Aprimoramento; Atitude
S3	Cursos (Graduação, Mestrado, Doutorado, Especialização, Extensão, Aperfeiçoamento); Sala de aula; Reuniões; Convívio com pessoas de áreas diferentes	Constante aprendizado formal; Necessidade; Mercado; Incentivo; Atualização;
S4	Contato com novos autores, metodologias, estratégias; Conversas com outros professores	Reciclagem; Não Parar; Reflexão; Reflexão Na Prática;
S5	Cursos (Mestrado); Estudo; Conhecer Novos assuntos; Vida	Educação que não termina nunca; Reciclagem; Atualização; Mercado;
S6	Curso (capacitação docente); trabalhos em grupo; novos conhecimentos	Construção de um roteiro, um itinerário educativo
S7	Em instituições; Estudar; Buscar novos Métodos; Viajar; Aprendizado de rua;	Nunca parar e acreditar que já sabe tudo; Unir áreas; atualização; Aquisição de vocabulário
S8	Constante adaptação das disciplinas à realidade	Constante evolução, modificando e adaptando as disciplinas à realidade das empresas (mercado); Adequação aos alunos;

Fonte: dos Pesquisadores (2011)

Nos aspectos facilitadores, aparecem as concepções dos professores sobre as diversas possibilidades de continuar sua educação. Dentre elas, destacamos as formas mais reconhecidas de educação continuada (cursos e pós-graduação). Da maneira como Marcelo García (1999) conceitua essa formação – intencional, planejada, inserida no contexto concreto da universidade, com avaliação e certificação – ou seja, formal. Da mesma maneira, aparecem outras possibilidades de aprendizado não-formal que demandam reconhecimento do professor (convívio, produção escrita, vivência, conversas, contato com alunos, sala de professores).

Com relação às representações, identificamos na fala dos entrevistados as palavras utilizadas para conceituar formação continuada. Logo, poderíamos agrupar os conceitos de formação continuada elaborados pelos entrevistados da seguinte maneira: a formação continuada de professores é a constante busca por novos conhecimentos, reciclagem, atualização e evolução, motivada por necessidades pessoais e do mercado. Ainda, as estratégias de formação continuada são desenvolvidas em um roteiro educativo, que propicia a reflexão na prática docente. Esse seria um possível conceito síntese das respostas dos professores.

Analisando mais detalhadamente as palavras escolhidas pelos entrevistados, encontramos “reciclagem”, que aparece três vezes, e que pode ser aproximada da palavra “atualização”, com duas ocorrências. “Reciclagem” e “atualização” formam um conjunto semântico relacionado à ideia do professor necessitar dar continuidade a sua educação. Seguindo essa linha, a ideia de continuidade é reiterada, refletindo-se no uso das seguintes palavras: “busca”, “constante”, “não termina nunca”, “nunca parar” e “não parar”. Por fim, há outro termo que surge com certa recorrência: “necessidade”. Esse vocábulo está ligado ao desenvolvimento de novos conhecimentos e atualização, além do mercado em que os professores e alunos estão inseridos. Nesse sentido, a palavra está relacionada à adequação à realidade das instituições de ensino e às empresas como um todo.

Além disso, vale ressaltar a fala de S4, na qual afirma: *tu estar sempre refletindo em cima da tua prática, tudo de novo que tu tem contato te faz refletir sobre as tuas práticas*. O entrevistado vê a necessidade de uma formação continuada que leve à reflexão da prática docente, de modo a aprimorá-la. Das respostas dos professores, essa é a única que aponta para a necessidade de o docente ser um professor-reflexivo. Como a reflexão da e na prática é um tema tão debatido e estudado, poderíamos pensar inicialmente que seria uma fala recorrente e, até mesmo, comum.

No Quadro 2, buscamos identificar os espaços em que os professores situam a formação continuada, tanto em espaços formais quanto não-formais. Alguns professores indicaram em suas falas o aprendizado formal, o que nos levou a realizarmos uma pergunta complementar, sobre espaços não-formais. Essa divisão aparece no quadro, indicada por espaços não-formais com referência não-induzida (manifestações espontâneas) e espaços não-formais com referência induzida (solicitados por meio de pergunta complementar).

Quadro 2 – Identificação de **espaços** de formação continuada de professores

	Espaços formais	Espaços não-formais (referência não-induzida)	Espaços não-formais (referência induzida)
S1	Reconhece o “processo formal”	Reconhece o “processo informal”; troca; locais onde o conhecimento é assunto principal	Conversa não gravada: sala de professores ⁵
S2	Doutorado, pós-doc, cursos, cursos de extensão	Troca de informação; estudar; novas teorias; participar de projetos; escrever; produzir material	Reconhece Resposta afirmativa
S3	Graduação, Mestrado, Doutorado; Especialização; Cursos; Cursos de extensão, de aperfeiçoamento	<i>Nihil</i>	Sala de aula; reuniões; convívio com pessoas de áreas diferentes; no projeto
S4	<i>Nihil</i>	Contato com novos autores, metodologias, estratégias; reflexão na prática	Reconhece; (em conversas com outro professor, viagens)
S5	Estudar novas técnicas de docência; Cursos; Mestrado	Estudo; conhecer novos assuntos e novos pensadores; observar o mercado e suas mudanças	Reconhece; Resposta afirmativa (vida, experiência de vida)
S6	Planejamento de um roteiro educativo por meio de curso	Trabalhos em grupo; Planejamento de um roteiro educativo independentemente de curso	Oficinas de aprendizagem (capacitação docente)
S7	Em instituições	Estudar; Buscar novos métodos; Viagens; Aquisição de vocabulário	Aprendizado de rua
S8	<i>Nihil</i>	<i>Nihil</i>	<i>Nihil</i>

Quando a categoria não está presente, o quadro apresenta a palavra latina *nihil* (“nada”).

Fonte: do Pesquisador (2011)

Seguindo a análise proposta, buscamos identificar, na fala dos professores, indicativos de espaços formais e não-formais para a ocorrência de educação continuada de professores. Dessa forma, aparecem como **espaços formais** os cursos de Graduação, Extensão, Especialização, Mestrado, Doutorado E Pós-Doutorado; também aparecem os cursos livres e capacitações para docentes. Dos oito respondentes, os aspectos formais aparecem em seis respostas. Vale ressaltar que S1⁶ afirma: *porque a gente precisa estar se reciclando, tendo mais conhecimento, que pode ser um processo formal ou um processo informal*, sem indicar

⁵ Anotação do diário de campo após entrevista gravada em 26 de maio de 2011.

⁶ S1 tem Especialização e Mestrado e fala constantemente da necessidade de ingressar em um doutorado (e da impossibilidade de fazê-lo na área de turismo, tendo em vista que há apenas um doutorado em Administração e Turismo na cidade de Itajaí, Santa Catarina, que seria o mais próximo em relação ao tema e ao deslocamento).

um espaço específico para a educação formal. Seguindo essa mesma linha, S8 apenas menciona *estar em uma instituição*.

Em relação aos espaços não-formais para a formação continuada de professores, podemos afirmar, primeiramente, que aparecem de forma espontânea em algumas falas – espaços não-formais (referência não-induzida). Entretanto, frente a algumas respostas que mencionavam educação formal ou pelo próprio perfil do professor, complementamos a entrevista com uma pergunta adicional sobre a educação em espaços não-formais – espaços não-formais (referência induzida).

Nesse sentido, de modo não induzido dois elementos aparecem com maior incidência na fala dos entrevistados: **estudos** fora de instituições e sem avaliação – estudar, conhecer novas teorias, assuntos, metodologias, estratégias e autores –, com quatro respostas e **troca** (socialização) aparece em duas respostas. Ainda, encontramos a produção de material, a escrita, a reflexão na prática; adequação às mudanças do mercado; trabalhos em grupo; viagens, com um registro cada.

Em relação aos espaços não-formais induzidos por pergunta complementar, S4 e S5 reconhecem a formação de professores nessa modalidade. Entretanto, limitam-se a concordar com os exemplos trazidos na pergunta. Para S4, a pergunta incluiu conversas e viagens; para S5, a pergunta menciona vida e experiência de vida (Quadro 2, entre parênteses). S2 também reconhece essa possibilidade e afirma: *eu entendo que isso também é investir em uma educação continuada*, sem usar exemplos concretos.

Seguindo a análise das perguntas complementares, incluímos uma anotação do diário de campo (uma conversa não gravada) com S1: a entrevistada relatou que, em sua nova ocupação em um Instituto Federal⁷, há duas salas de trabalho para professores, e a que ela frequenta tornou-se um espaço físico propício para a educação continuada. Nessa sala, há socialização de conhecimentos de diversas áreas, enquanto que, na outra essa, característica não se desenvolveu. Para S1, a diferença entre os ambientes é facilmente notada e, na primeira, o clima é de cooperação e socialização.

Esse registro foi incluído no Quadro 10 com a indicação de “conversa não gravada” e sintetizado como “sala de professores”. De forma espontânea, S1 menciona: *a gente compartilhando um espaço – às vezes até um espaço físico – onde o conhecimento se torne o principal assunto a gente está aprendendo*. O exemplo da sala de professores anotado no diário de campo é ilustrativo do que S1 explicita na sua resposta como *espaço físico*.

Já S6 apresenta as *oficinas de aprendizagem*⁸ como um espaço de formação continuada não-formal. Em uma primeira análise, podemos entender que capacitação docente é um espaço formal, pois segue os elementos trazidos por Marcelo García (1999) – exceto a avaliação. Mesmo que não haja uma avaliação formal, podemos entender que as capacitações são uma oportunidade da direção e dos superiores avaliarem o corpo docente, principalmente em relação ao comprometimento. Entretanto, S6 situa essa experiência do treinamento sobre oficinas de aprendizagem no espaço não-formal. Podemos pensar que S6 reconhece como formação continuada de professores apenas os cursos, que implicam em intenção, matrícula, presença, avaliação e certificação – ou seja, a mesma conceituação trazida por Marcelo García (1999).

Dessa forma, as respostas de S3 e de S8 apresentam possibilidades de espaços não-formais para a formação continuada de professores. Para S3, *o aprendizado informal conta*

⁷ A professora entrevistada foi coordenadora do curso de Hotelaria, entre 2005 e 2009, assumindo posteriormente o cargo de coordenadora de pós, pesquisa e extensão da Faculdade. Deixou a Instituição em agosto de 2010, após ter passado em concurso para IFRS.

⁸ No segundo semestre de 2010 e no primeiro de 2011, a Instituição ofertou três capacitações para os docentes sobre métodos de Oficinas de Aprendizagem.

muito. O sujeito apresenta os espaços em que reconhece a existência de formação continuada: *o que a gente aprende em sala de aula [...] o que a gente aprende em reuniões [...] então nesse convívio, nessa troca a gente aprende muito*. Finaliza sua fala afirmando: *eu aprendi muito nesses anos com a oficina*⁹ [grifos nossos]. As respostas de S3 estão permeadas pelo entendimento de que o convívio, o espaço criado por áreas e pessoas diferentes, os encontros entre professores (reuniões, projetos ou outros espaços) são uma oportunidade de aprendizado.

S8, por outro lado, resume o que já havia desenvolvido na P5 da seguinte forma: [não só] *o espaço [...] [em] uma instituição que está te passando um conhecimento, mas eu acredito que também essa aprendizagem da rua também é importante para trazer para dentro da sala de aula*. Isso indica que S8 entende sua formação como professora tanto na modalidade formal quanto na não-formal, e ressalta que utiliza sua vivência (*aprendizagem de rua*) na sala de aula. Aliar teoria e prática implica também trazer a nossa vivência profissional e experiências de vida para sala de aula, quando elas são relevantes – tendo em vista que somos um ser único e indivisível, em pessoa e professor.

Pela análise dos dados coletados, podemos entender que há possibilidade de aprendizado pelo convívio com outros professores (professor-professor). As dificuldades encontradas residem na atitude em relação ao outro e na superação das diferenças entre personalidades, pontos de vista, percepção de mundo e, também, nas diferentes áreas de formação. Entretanto, superadas essas barreiras, e sendo reconhecida a **humildade frente ao conhecimento do outro e ao nosso próprio desconhecimento, cria-se a possibilidade de crescimento pelo convívio entre professores**. Nesse sentido, o crescimento pode ser em relação a técnicas, metodologias e práticas de sala de aula, novos conhecimentos da sua própria área, e de outras áreas¹⁰.

Considerações Finais

O presente artigo buscou entender que entendimentos oito professores têm sobre formação continuada. Tais professores atuam em projetos interdisciplinares de um curso superior de tecnologia em Hotelaria de uma instituição privada. Para tanto, estabelecemos alguns entendimentos sobre o tema formação continuada de professores, com o auxílio da literatura. A metodologia escolhida foi a qualitativa, do tipo descritivo e a coleta de dados por meio de entrevista semiestruturada com oito docentes. A análise de dados seguiu as determinações de Bardin (2010).

Da análise dos dados, entendemos que há a compreensão que o docente pode aprender com seus colegas, especialmente de áreas diferentes. Por ser um curso multidisciplinar, na Hotelaria há um clima de maior cooperação, sem a desconfiança natural em um ambiente homogêneo em que um professor pode substituir o outro na “sua” disciplina.

Detectamos dois entendimentos principais sobre a formação continuada. Um que chamamos de formal, em que aparecem as respostas relacionadas a cursos de pós-graduação e extensão. Os professores que responderam às perguntas da pesquisa entendem que há possibilidades de formação continuada de professores na sua modalidade formal, até mesmo por pressão da instituição e da avaliação quantitativa do Ministério da Educação. Portanto, a realização de cursos de Mestrado e Doutorado e capacitações das mais diversas áreas são condições de sobrevivência no meio acadêmico.

⁹ Vale lembrar que por causa das capacitações sobre o método de oficinas, mudamos o nome do projeto interdisciplinar para *oficina*.

¹⁰ Até mesmo em um aspecto que não aparece nas respostas, mas é facilmente perceptível: a indicação de seminários, eventos, possibilidades de publicação, livros acadêmicos e de ficção, filmes e documentários.

Outro entendimento que é aquele que ocorre em espaços educativos não-formais, como nas próprias reuniões dos projetos interdisciplinares, convívio com os outros professores, viagens, idas a restaurantes e também, poderíamos acrescentar, outras experiências enriquecedoras. Já em relação aos espaços não-formais, eles apareceram em também em outros aspectos, além das reuniões dos projetos interdisciplinares estudados. Dessa forma, podemos entender que a formação continuada acontece no convívio entre professores em situações de compartilhamento de experiências e de conhecimentos. Nesse sentido, também aparecem na pesquisa o aprendizado que acontece em sala de aula pelo convívio com os alunos (alunos-professor) e em vivências fora do meio acadêmico.

Referências

ANDRÉ, Marli et al. Estado da arte da formação de professores no Brasil. **Educação Social**. Campinas, v. 20, n. 68, p. 301-309, dez.1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301999000300015&lng=en&nrm=iso> Acesso em: 07 set. 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Loyola. 2010.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

CUNHA, Maria Isabel da. **Trajetórias e lugares de formação da docência universitária: da perspectiva individual ao espaço institucional**. Araraquara: Junqueira&Marin, 2010.

ENGERS, Maria Emilia Amaral. Educação continuada: uma visão multidisciplinar em diferentes tempos e espaços. In: EGGERT, Edla (org.). **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: didática e formação de professores**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 410-420.

FURTER, Pierre. **Educação permanente e desenvolvimento cultural**. Petrópolis: Vozes, 1974.

MARCELO GARCÍA, Carlos. **Formação de professores: para uma educação continuada**. Porto: Porto Editora, 1999.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2005.

PIVETTA, Hedioneia Maria Foletto. Reuniões pedagógicas como espaço de reflexão e construção da docência superior. **32º Reunião Anped**. 2009. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT08-5130--Int.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2010.

PRADA, Luiz Eduardo Alvarado; VIEIRA, Vânia Maria de Oliveira; LONGAREZI, Andréa Maturano. Concepções de formação de professores nos trabalhos da ANPED 2003-2007. **32º**

Reunião Anped. 2009. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT08-5836--Int.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2010.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social:** métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

TEIXEIRA, Geovana Ferreira de Melo. Docência: uma construção a partir de múltiplos condicionantes. **Boletim técnico do SENAC:** a revista da educação profissional. V. 35, n. 1. Rio de Janeiro: Senac DN, janeiro/abril, 2009.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.